

DISCURSO, TURISMO E ENSINO: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA ESTUDANTES SEREM MEDIADORES DO MUSEU DE CONGONHAS POR UM DIA

Elisana de Oliveira Faria¹; Pollyanna Junia Fernandes Maria Reis²; Rafael Batista Andrade³

RESUMO

Neste trabalho, foi apresentado um estudo dos gêneros de discurso *Manual do Romeiro do Bom Jesus de Congonhas (Manual do Romeiro)* e *visita mediada* com o objetivo de propor a sequência didática *Ser mediador do museu de Congonhas por um dia* para professores de língua portuguesa (língua materna) em formação ou/e em atuação. O presente estudo foi desenvolvido no seio do Grupo de Pesquisa sobre o Discurso Institucional na Iniciação Científica e Tecnológica do IFMG, Campus Congonhas, a fim de evidenciar as características linguístico-discursivas do *Manual do Romeiro* e da *visita mediada* ao Museu de Congonhas. Para isso, utilizamos como aporte teórico-metodológico as categorias de análise *cena englobante*, *cena genérica* e *cenografia* (MAINGUENEAU, 2015) aliadas às noções de retextualização (MARCUSCHI, 2001; 2010; DELL'ISOLA, 2007) e de sequências prototípicas (ADAM, 2019). As análises realizadas mostram o elo necessário entre pesquisa e ensino, pois a elaboração da referida sequência didática requereu um estudo aprofundado sobre os dois gêneros de discurso em questão, para que, dessa forma, a execução em sala de aula seja feita de modo pleno. O estudo ressalta a importância de trabalhar a oralidade do estudante dentro do ambiente escolar, visto que, atualmente, a escrita é vista como primordial e a verbalização como secundária. Além disso, esta pesquisa de iniciação científica ainda revelou que, embora o estudo realizado aqui esteja restrito à *visita mediada* ao Museu de Congonhas, os seus resultados poderão servir de base para outros estudos sobre o referido gênero de discurso em diferentes museus no Brasil e no exterior com vistas a elaboração de outras propostas para o ensino de língua materna (e também de língua estrangeira). Diante do exposto, o presente trabalho envolve aspectos históricos, religiosos e artísticos existentes na cidade de Congonhas perante o olhar linguístico e educacional.

Palavras-chave: *Manual do Romeiro*; *Visita mediada*; Sequência didática; Turismo; Ensino.

INTRODUÇÃO

A produção de sequências didáticas para o ensino de língua portuguesa é uma prática essencial que se inicia nos cursos de Licenciatura em Letras. Assim, o Grupo de Pesquisa sobre

¹ Elisana de Oliveira Faria, IFMG, Licenciatura em Letras, IFMG – Campus Congonhas, Conselheiro Lafaiete – MG; oliverelisana@hotmail.com;

² Pollyanna Junia Fernandes Maria Reis: pollyanna.fernandes@ifmg.edu.br;

³ Rafael Batista Andrade: rafael.andrade@ifmg.edu.br; Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico - IFMG-Congonhas - Português/Espanhol; Doutor em Estudos Linguísticos pela UFMG com estágio na Université Paris Sorbonne (Paris IV) e na Universidad de Cádiz. Foi coordenador do Projeto de Pesquisa Discurso, Turismo e Ensino: Análises discursivas de uma entrevista e uma visita guiada.

o Discurso Institucional na Iniciação Científica e Tecnológica do IFMG *campus* Congonhas⁴ realizou uma visita mediada ao Museu de Congonhas no dia 10 de setembro de 2021, a fim de estudar esse gênero do discurso, com o qual elaboraremos uma sequência didática associada aos resultados deste estudo.

Sabe-se que o Museu de Congonhas tem por objetivo proporcionar uma visão melhor do Santuário Bom Jesus de Matosinhos e seus conjuntos. Aliás, muitas escolas perseguem esse objetivo realizando visitas com estudantes do ensino básico. Há, contudo, uma lacuna nessa prática quando se pensa no ensino de língua portuguesa. Ao longo de nossa visita mediada, notamos que foram disponibilizados, na recepção, um folheto informativo e um *Manual do Romeiro do Bom Jesus de Congonhas* (Doravante, *Manual do Romeiro*), escrito pelo professor Fábio França. Julgamos que, se tomássemos o referido manual como a segunda parte do *corpus* deste estudo, alcançaríamos uma melhor compreensão da visita mediada e um arcabouço teórico-metodológico que fundamentasse a sequência didática que apresentaremos para se trabalhar com esse gênero de discurso no ensino médio.

Logo, neste trabalho, exporemos a associação que realizamos, ao longo desta pesquisa, entre a visita mediada ao Museu de Congonhas e o *Manual do Romeiro* com o fim de elaborarmos a sequência didática *Ser mediador do Museu de Congonhas por um dia*. Assim, na seção 1, mostraremos como algumas categorias da Análise do Discurso e da Linguística Textual foram mobilizadas para a realização deste estudo. Em seguida (seção 2), apresentaremos a análise do *corpus*, evidenciando os aspectos que deverão ser levados em conta na compreensão da visita mediada e na elaboração da sequência didática (seção 3). Por fim, teceremos as considerações finais deste trabalho.

1. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Ao realizarmos a visita mediada ao Museu de Congonhas, tivemos o objetivo de selecionar as categorias de análise com as quais analisaríamos esse gênero de discurso. Uma das explicações fornecidas pelo mediador/guia de turismo foi a divisão da visita mediada em três momentos que rodeiam as obras barrocas de Congonhas: *o religioso* – como a fé e a devoção foram responsáveis por criar as obras existentes; *a ressignificação* – como as obras de fé se tornam objeto de arte; e, por último, *a educação* – como o ensino capta as obras e seus desdobramentos. Tal divisão levou-nos a trabalhar com as categorias de cena englobante e cena genérica propostas por Maingueneau (2015).

⁴ Projeto de Pesquisa: Discurso, turismo e ensino: análises discursivas de uma entrevista e uma visita guiada. Orientador: Rafael Batista Andrade. Colaboradora/Coorientadora: Pollyanna Júnia Fernandes Maia Reis. Bolsista: Elisana de Oliveira Faria.

Na vertente francesa da Análise do Discurso, os trabalhos do referido autor possuem grande relevância nos estudos discursivos realizados no Brasil e em outros países. Para Maingueneau (2015), o estudo do gênero de discurso está vinculado a um conjunto de atividades discursivas. Estas podem ser estudadas por meio do que o autor denomina *cena da enunciação*, que faz interagir três cenas: a cena *englobante*, a cena *genérica* e a *cenografia*.

A cena *englobante* diz respeito ao recorte de um setor da atividade social, como político, publicitário, religioso etc. Associar um setor ou um campo discursivo a determinado gênero de discurso é uma tarefa que pode ser simples (propaganda eleitoral/discurso político), mas também complexa (ANDRADE, 2019; 2020). Nessa cena, o analista pode descrever determinadas características de um gênero de discurso ligadas aos seus participantes, como veremos na próxima seção. A cena *genérica* aborda o funcionamento das normas que constituem cada gênero de discurso: sua(s) finalidade(s), os papéis estatutários e verbais de seus locutores e interlocutores, o lugar apropriado para o seu sucesso, sua inscrição na temporalidade, seu suporte, sua composição e o uso específico de seus recursos linguísticos. Por fim, a *cenografia* retrata a encenação singular de cada enunciação. Trata-se da maneira pela qual o enunciador organiza e legitima os enunciados de certos gêneros de discurso. A título de exemplo, um romance é uma cena *genérica* associada à cena *englobante* literatura, mas cada romance pode ter uma organização enunciativa diferente, como a de um diário íntimo, a do relato de viagens etc.

Além dessas categorias que nortearam o estudo que desenvolvemos em torno dos gêneros de discurso visita mediada e *Manual do Romeiro*, vejamos mais uma parte do arcabouço teórico-metodológico que selecionamos para a produção da sequência didática, com a finalidade de desenvolver, dentro de sala de aula, a oralidade dos alunos. Pensamos também no conceito de retextualização (Marcuschi, 2001), enquanto transformação do texto escrito para o falado e vice-versa. Ressalte-se que essa prática de retextualização não se resume, por exemplo, a repetir oralmente (visita mediada) o texto original escrito (*Manual do Romeiro*). Muito pelo contrário, os diversos trabalhos sobre retextualização consideram-na uma prática discursiva extremamente complexa (Ver, por exemplo, MARCUSCHI, 2010; DELL'ISOLA, 2007).

Nessa perspectiva, defendemos a seguinte tese. Para que os estudantes do ensino médio produzam a visita mediada, eles precisarão conhecer as características desse gênero de discurso e do *Manual do Romeiro*. Trata-se, pois, de uma perspectiva muito próxima ao que Bakhtin (1997) denominou dialogismo, uma vez que encontraremos relações entre diferentes discursos, histórico, artístico e religioso. Em síntese, compreendemos a retextualização como “uma prática de letramento que possibilita a expressão de conhecimentos, a construção de ideias e a habilidade de uso de uma linguagem explicativa” (ALMEIDA; GIORDAN, 2014, p. 999).

Por fim, julgamos que a análise dos textos do *corpus* deste estudo deveria abarcar também a categoria de sequências prototípicas (ADAM, 2019), pois trabalhamos com a hipótese

de que, na visita mediada e no *Manual do Romeiro*, encontraríamos segmentos de texto que diferenciariam e aproximariam esses dois gêneros de discurso. Logo, tais sequências seriam essenciais para a descrição do *corpus* de nossa pesquisa e a elaboração da referida sequência didática.

A preocupação de pesquisadores no âmbito da linguística em estudar esse fenômeno gerou nomenclaturas e perspectivas de análise diversas. No Brasil, a noção de tipos textuais é talvez a mais conhecida, principalmente pelos trabalhos de Marcuschi (2008) e Koch (2014):

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção* (MARCUSCHI, 2008, p. 154-155, grifos do autor).

Além dessa abordagem no âmbito da linguística textual, ressalte-se que a própria noção de *cena da enunciação* (Maingueneau, 2015) oferece aos analistas de discurso ferramentas teórico-metodológicas para abordar esse fenômeno. Mas é na semiolinguística charaudeauniana que, em *Análise do Discurso*, encontramos uma abordagem com categorias de análise mais próximas aos tipos textuais: modo de organização enunciativo, modo de organização descritivo, modo de organização narrativo e modo de organização argumentativo (CHARAUDEAU, 2012).

Não obstante, a recategorização proposta por Adam (2019) recentemente pareceu-nos mais alinhada aos propósitos deste estudo, dado que o autor propôs uma descrição do protótipo da sequência descritiva, da sequência narrativa e da sequência explicativa. Julgamos, assim, que essa terminologia facilitaria o elo que propusemos entre o estudo dos textos do *corpus* e a elaboração da sequência didática. Para concluir, vejamos a justificativa do próprio autor para essa recategorização:

Falo de *sequências prototípicas* na medida em que é em relação a um reconhecimento de formas culturalmente adquiridas que um segmento de texto pode ser interpretado como uma sequência mais ou menos narrativa, argumentativa, ou descritiva etc. As atualizações de cada esquema pré-formatado de agrupamento de proposições em macroproposições ligadas se situam em uma escala de tipicidade que varia de textos ou (mais frequentemente) de segmentos de textos próximos do centro da categoria, até textos ou segmentos de textos menos típicos, porque incompletos, ou mesmo tão periféricos que estariam próximos de outra categoria (ADAM, 2019, p. 63. Grifos do autor).

Enfim, baseamo-nos nessa definição para localizarmos protótipos das sequências descritiva, narrativa e explicativa nos dois gêneros de discurso selecionados, de forma que pudéssemos elaborar a sequência didática *Ser mediador do Museu de Congonhas por um dia*. Diante do exposto, compreendendo que o ensino-aprendizagem de uma língua não consiste

apenas no estudo de regras gramaticais, mas também de conhecimentos relacionados à aquisição da oralidade e da escrita, aos atos de fala, às condições de produção discursiva, aos usos de argumentos, à seleção e emprego lexicais e às visões sócio-histórico-culturais (SELLAN, 2012), a produção da sequência didática será de grande relevância, pois buscará abranger todos os tópicos relatados aqui.

2. ANÁLISE DO CORPUS: MANUAL DO ROMEIRO E VISITA MEDIADA

Vimos que, durante a visita mediada que realizamos, tomamos conhecimento do *Manual do Romeiro*. Este gênero de discurso constitui o primeiro passo desta análise, pois nos fornece subsídios para sua compreensão e sua retextualização em visita mediada por parte de estudantes do ensino médio. Por essa razão, dividimos esta seção em duas subseções. Em 2.1, analisamos o referido manual e em 2.2 examinamos a visita mediada.

2.1 O MANUAL DO ROMEIRO E O GÊNERO DE DISCURSO MANUAL

A nossa análise parte de uma prática textual e discursiva que, na sequência didática, será retomada como primeira etapa. A leitura do *Manual do Romeiro* coloca em questão a própria categorização desse texto enquanto manual. Logo, partiremos do princípio de que tanto o professor como o aluno poderiam realizar consultas a dicionários a fim de compreender melhor o referido manual e compará-lo com outros manuais.

A título de exemplo, dentre as várias definições que encontramos para a palavra “manual” no *Dicionário online Oxford Languages*, destacam-se (1) “livro que orienta a execução ou o aperfeiçoamento de determinada tarefa; guia prático”, (2) “livreto descritivo e explicativo que acompanha determinados produtos, orientando acerca do uso, da conservação, instalação”, (3) “livro de ofícios religiosos e orações; breviário.” (MANUAL, 2021).

A partir dessa consulta, pode-se contrastar o *Manual do Romeiro* com outros manuais. Para ilustrarmos essa comparação, escolhemos o *Manual do usuário da Samsung*. Assim colocamos em contraste manuais com conteúdo distintos, procurando evidenciar traços relevantes dos textos do *corpus*, compreendidos ao longo de nosso estudo e que serão aplicados na elaboração da sequência didática, que propomos neste trabalho.

Primeiramente, apontamos as semelhanças e as diferenças que percebemos em relação à parte organizacional dos dois casos em questão. O *Manual do Romeiro* possui uma apresentação, cuja finalidade é expor o objetivo do manual e suas divisões, isto é, o que contém nas três partes do livro. Além disso, o livro também é dividido em tópicos e subtópicos, com o fim de relatar, de forma progressiva, o seu conteúdo. Em um primeiro momento, aborda a cidade.

Depois, trata da parte histórica e, para finalizar, discorre sobre a história da cidade presente até os dias atuais.

Em confronto, no *Manual do usuário da Samsung*, a parte de apresentação é nomeada como “Sobre este manual”. Dessa maneira, por mais que os nomes dessa seção nos dois manuais em tela sejam distintos, o objetivo é o mesmo: ambos introduzem um conteúdo mostrando para que serve o determinado manual. Dando continuidade, o manual da *Samsung* também apresenta as instruções de modo progressivo. Primeiramente, apresentam-se o aparelho e os seus primeiros passos, para, depois, dedicar um espaço a algo mais complexo, como as configurações do celular. Assim sendo, dentro da parte organizacional, percebe-se pouca diferença: o *Manual do usuário da Samsung* possui índice; o *Manual do Romeiro*, não.

Na perspectiva do conteúdo, ficam evidentes as diferenças entre os dois manuais, dado que o *Manual do Romeiro* se enquadra nas acepções (1) e (3) do *Dicionário online Oxford Languages*, enquanto o *Manual do usuário da Samsung* pode ser enquadrado na definição (2). Partindo desse entendimento, a semelhança entre eles é que ambos são guias práticos que visam auxiliar o leitor a ter uma melhor experiência; seja com um produto, seja com uma vivência religiosa (turismo religioso). Desse modo, percebemos que os dois manuais se distanciam em relação à cena englobante: o *Manual do Romeiro* corresponde aos discursos religioso e histórico; o *Manual do usuário*, ao discurso tecnológico.

Em síntese, os dois manuais se aproximam em alguns aspectos, como na finalidade: os dois têm a finalidade de instruir o leitor. Mas o *Manual do Romeiro*, além de instruir, possui a finalidade de fazer com que o leitor possa expressar a sua fé e/ou compreender a relação entre fé, arte e história por meio do turismo.

DICIONÁRIO ESPECIALIZADO E CARACTERÍSTICAS DA CENA GENÉRICA DO *MANUAL DO ROMEIRO*

Ao longo desta pesquisa, porém, observamos que a consulta a dicionários em geral, a leitura e a comparação dos dois manuais em questão não nos forneceram dados suficientes para compreendermos a cena englobante e a cena genérica do *Manual do Romeiro*. Por essa razão, consultamos um dicionário especializado em estudos de gêneros textuais para darmos continuidade a este estudo e a elaboração da sequência didática.

MANUAL (v. COMPÊNDIO, GUIA, ROTEIRO): caracteriza-se, em geral, pelo predomínio do discurso instrucional e didático, em que as orientações são dadas usando-se o imperativo, o infinitivo, sempre numa interlocução direta com o leitor. Como tal, pode ser:

(i) uma obra, espécie de compêndio, de formato pequeno que contém noções ou diretrizes relativas a uma disciplina, a uma ciência, programa escolar, etc.;

- (ii) livro que orienta a execução ou o aperfeiçoamento de determinada tarefa ou técnica. Muitas vezes, trata-se de um guia (v.) prático, como por exemplo, um manual de digitação, de corte e costura;
- (iii) livreto descritivo e explicativo que acompanha determinados produtos, orientando acerca do uso, do funcionamento, da conservação, instalação, etc., como os manuais que acompanham os eletrodomésticos ou eletroeletrônicos, etc.

No discurso religioso, é um livro que traz os ritos e as orações próprios de certos ofícios religiosos, pelos quais se devem administrar os sacramentos. Como livro de orações, também é conhecido como breviário (v.).

O gênero textual “manual” configura-se da seguinte maneira:

A) quanto ao conteúdo:

- conjunto de normas/noções práticas sobre comportamentos/procedimentos a serem cumpridos para que uma tarefa seja bem executada;
- conjunto de orientações explícita ou implicitamente entendidas como ordens, o qual estabelece um saber fazer ao leitor/ouvinte;
- lista de mandamentos que obriga o leitor/ouvinte a executar alguma coisa segundo o cânone estabelecido.

B) quanto ao discurso:

- discurso isento de ambiguidades;
- discurso que torna legítimas aspirações diversas a classes sociais e a épocas várias;
- discurso que oferece saberes e deveres idealizados;
- discurso no qual predomina a cena enunciativa de aconselhamento;
- discurso em que o enunciador manipula o leitor (enunciatário) em direção à aceitação de certos valores sociais, por exemplo, ou outros valores.

C) quanto ao linguístico-discursivo, predomínio de:

- léxico pouco hermético;
- verbos no modo imperativo ou futuro e infinitivo com valor de imperativo (Coma/ Comerás/ Comer com moderação!);
- orações subordinadas substantivas subjetivas: é preciso comer com moderação! Não fica bem arrotar na mesa!
- enunciados curtos e coordenados e parágrafos breves;
- uso reduzido de coesão anafórica. (COSTA, 2009 p, 145-146).

Com base nessa definição, percebemos que muitas dessas características não são predominantes no *Manual do Romeiro*. Não obstante, dois pontos elencados pelo autor chamaram nossa atenção. A referência ao discurso religioso (cena englobante), tomando o manual como “um livro que traz os ritos e as orações próprios de certos ofícios religiosos” (COSTA, 2009, p. 145). De fato, a segunda e a terceira partes do *Manual do Romeiro* são constituídas por diferentes preces, que compõem, respectivamente, a seção *Novena ao Senhor Bom Jesus* e *Devoção a Nossa Senhora*. O segundo ponto que destacamos é o fato de Costa (2009) nos remeter à noção de guia:

GUIA (v. MANUAL, ROTEIRO): (...) Como manual ou roteiro, trata-se de diversas obras de orientações e/ou instruções, como: i) guia turístico: caderno, folha, encarte (v.), fôlder (v.) ou livrinho, que contém indicações ou instruções úteis a respeito de uma região ou localidade, monumentos históricos, etc. (localização, situação de ruas, lugares e monumentos para visitas, restaurantes, bares, horários de ônibus, trens, etc.) (COSTA, 2009, p. 123).

Quando comparamos a definição de guia com a de manual, encontramos a primeira particularidade do *Manual do Romeiro*. Vimos, anteriormente, que esse texto está associado à

cena englobante do discurso religioso. Mas a relação sinonímica entre manual e guia evidencia que o discurso turístico também impõe restrições linguístico-discursivas a esse manual. Esse livrinho, que tomamos como *corpus* deste estudo, contém indicações sobre a cidade de Congonhas-MG. Além disso, não se pode esquecer que ele circula, por exemplo, no Museu de Congonhas, onde, aliás, tivemos acesso aos exemplares utilizados nesta pesquisa.

Aqui, portanto, estamos diante de um fenômeno discursivo que precisa ser descrito conforme as suas especificidades. As cenas englobantes do discurso turístico e religioso impõem restrições ao *Manual do Romeiro*. Maingueneau (2015, p. 118-120) explica que, no nível da cena englobante, sobressaem as particularidades ligadas aos participantes. É por isso mesmo que os dois tipos de discurso em questão (turístico e religioso) não nos permitem compreender que o referido manual teria como participantes apenas líderes religiosos e fiéis. Isso pode ser percebido pelo próprio *status* de seu autor. Além do referido manual, Fábio França escreveu o livro *Arte e Paixão: Congonhas do Aleijadinho* (FRANÇA, 2015).

Em relação ao interlocutor do *Manual do Romeiro*, aparentemente, pode-se ter a impressão de este ser um fiel, já que possui duas partes destinadas ao público religioso: *Novena ao Senhor Bom Jesus* e *Devoção a Nossa Senhora*. Porém, por mais que esses títulos sinalizem essa posição social para o interlocutor do referido manual, no decorrer do livro, tal impressão não se sustenta. Isso sobretudo pelo fato de o autor do manual ter elaborado um tópico intitulado *Quem é o romeiro?* Nesse sentido, cabe aqui uma referência a uma das máximas conversacionais (FIORIN, 2017, p. 165-186) propostas por Grice. Segundo ele, com as máximas da quantidade, a contribuição de determinado autor não deveria conter mais informações do que fosse exigido. Logo, se o interlocutor do *Manual do Romeiro* fosse apenas os fiéis, a explicação fornecida no tópico *Quem é o romeiro?* violaria essa máxima. Em outras palavras, o fato de haver uma explicação sobre quem é o romeiro evidencia que o público-alvo do manual é um turista, que também pode ser um religioso ou pode se interessar pela religião católica atrelada à arte barroca.

Defendemos, pois, que os tipos de discurso turístico, artístico e religioso (cenas englobantes) colocam em interação, no *Manual do Romeiro*, um especialista em religião, história e arte da cidade de Congonhas e um turista. Este, de fato, pode ser os próprios romeiros, os fiéis, mas também pode ser um turista que se interessa pela cidade de Congonhas de uma forma mais ampla. Com isso, será necessário pensarmos nas especificidades desse texto, pois elas precisarão ser compreendidas para almejarmos a produção de uma sequência didática.

Com essa restrição aos participantes do discurso, já nos encontramos, na verdade, nos limites da análise da cena englobante e da cena genérica. Maingueneau (2015, p. 118-120) utiliza a noção de cena genérica para se referir à noção de gênero de discurso (BAKHTIN, 2011). Logo, podemos descrever o *Manual do Romeiro* desta forma. Um livrinho (composição/ suporte) com explicações, descrições e relatos sobre a parte histórica, artística e religiosa (cenas englobantes)

da cidade de Congonhas para quem tem interesse em conhecer a referida região; seja romeiros, seja visitantes e turistas.

Do ponto de vista bakhtiniano (2011), essa relativa estabilidade desse livrinho (tipo de enunciado) deve-se a seu conteúdo temático (a abordagem artística e religiosa de Congonhas), a sua construção composicional (uma primeira seção antecipada da Apresentação, organizada em títulos, subtítulos e paragrafação; duas seções com preces/orações – outro gênero de discurso relacionado à temática religiosa) e às especificidades de seu estilo da linguagem. Nesse último caso, esse estilo não se confunde com os de outros manuais, como vimos anteriormente. Ao longo de nossa pesquisa, verificamos que não há predominância no *Manual do Romeiro*, por exemplo, de verbos no modo imperativo ou futuro e infinitivo (esse, aliás, é um fato bastante trabalhado em diferentes livros didáticos). Tampouco predomina o uso de orações subordinadas substantivas subjetivas e do léxico pouco hermético. É por essa razão que estudamos esse texto do *corpus* também sob a ótica da cena genérica.

Assim, do ponto de vista mangueneauiano, consideramos que a cena genérica do *Manual do Romeiro* pode ser descrita como um contrato estabelecido entre um especialista em religião, arte e história de Congonhas e um turista (ou fiel). Nesse sentido, o primeiro tem por finalidade ensinar o segundo sobre a região de Congonhas. O lugar de sucesso para essa aprendizagem ocorrer é o Museu de Congonhas, como se nota em sua página web oficial: “O Museu de Congonhas oferece informações e experiências para que o visitante conheça a história e o contexto do sítio inscrito na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO: o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas, Minas Gerais”⁵. Por fim, ainda com base em Maingueneau (2015), percebemos que o *Manual do Romeiro* possui um modo de encadear os seus enunciados (composição) e um uso de recursos linguísticos que o diferencia de outros manuais.

Para compreendermos e descrevermos esses dois últimos traços do referido gênero de discurso com o qual trabalhamos, recorreremos também à noção de cenografia (2015), pois percebemos que o enunciador do *Manual do Romeiro* assume um posicionamento didático, mas este não se caracteriza com base em ordens, mandamentos e orientações (como ocorre em manuais comuns), mas sim em descrições, explicações e relatos que envolvem a história de Congonhas entrelaçada à fé e à arte. É por essa razão que demonstraremos a predominância, no *Manual do Romeiro*, dos protótipos das sequências descritivas, narrativas e explicativas (ADAM, 2019), sem, contudo, realizar o detalhamento de cada uma delas como faz o autor, uma vez que esse método seria pouco produtivo para abordá-las no ensino médio.

- “Congonhas, de origem tupi, tirou seu nome de planta abundante na região que serve para chás” (FRANÇA, 2001, p. 3).

⁵ Disponível em: <https://www.museudecongonhas.com.br/>. Acesso em 17 dez. 2021.

- “Na tradição católica, Jubileu é a caminhada de uma pessoa ou de grupos de pessoas em direção a lugar sagrado [...]” (FRANÇA, 2001, p. 18)
- “O romeiro é um peregrino que, movido pela fé, busca um lugar santo para estar em contato com Deus, sentir sua presença.” (FRANÇA, 2001, p. 19)
- “A expressão latina *ex-votos* significa em *consequência de um voto*, de uma promessa que alguém fez a Deus ou a seus santos protetores diante de uma necessidade [...]” (FRANÇA, 2001, p. 20)
- “*Passos* representam a reprodução das cenas dos últimos dias da vida de Cristo, principalmente as do caminho do calvário.” (FRANÇA, 2001, p. 29)
- “Profeta é aquele que é chamado, ou anuncia, aquele que interpreta para o povo a palavra de Deus.” (FRANÇA, 2001, p. 30)
- “A Basílica é, a um só tempo, obra de Deus e obra dos homens, que, não obstante suas falhas, souberam erguer um templo, dotá-lo de arte e de todos os recursos de que necessitava, enobrecendo-o para os altos fins a que estava destinado” (FRANÇA, 2001, P. 15).

Quadro 1 – Exemplos do protótipo das sequências descritivas presentes no *Manual do Romeiro*

- “A história de Congonhas começa no ciclo do ouro, quando, por volta de 1691 a 1700, bandeirantes e aventureiros da bandeira de Bartolomeu Bueno chegaram a Lafaiete (Vila Real de Queluz) e, de lá, ao povoado de Congonhas do campo.” (FRANÇA, 2001, p. 2)
- “Um dia, uma pobre mulher, ao apanhar lenha, encontrou um pedaço de madeira bom para ser queimado. Tentou colocá-lo ao fogo por várias vezes, mas a madeira sempre saltava fora do fogão. Ao fazer nova tentativa de queimar essa madeira, sua filha gritou: “Mãe, isso é o braço do Senhor Bom Jesus.” (FRANÇA, 2001, p. 6)
- “Em fevereiro de 1760, faltando apenas a conclusão das duas torres, Feliciano Mendes pediu autorização para que fossem celebradas missas na capela aos domingos e dias santos, o que foi concedido por dom Manuel da Cruz.” (FRANÇA, 2001, p. 14)
- “Essa antiga imagem do Senhor Morto, como hoje é chamada, foi sempre considerada milagrosa pelos romeiros e, por isso, continua sendo objeto da veneração principal dos fiéis que concentram nesse Bom Jesus a sua devoção, como pode-se verificar as enormes filas que se formam para beijá-la nos dias de Jubileu” (FRANÇA, 2001, p. 16)
- “Quando a 8 de abril de 1757, Feliciano Mendes colocou a imagem do Senhor Bom Jesus no Nicho junto à grande Cruz que plantara no Monte do Alto do Maranhão, com muita festa, orações e sermão, lançou as raízes da peregrinação que, mais tarde, passou a ser chamada de Jubileu” (FRANÇA, 2001, p. 17)
- “Foi o ermitão Custódio de Vasconcellos (1765-1776), sucessor de Feliciano Mendes, quem deu início à “*Casa dos Milagres*”, bem junto à igreja [...]” (FRANÇA, 2001, p. 20)
- “No decorrer do tempo, outros administradores da obra foram construindo outras romarias à medida que aumentavam o número de romeiros vindos para o Jubileu do Bom Jesus” (FRANÇA, 2001, p. 24)
- “Durante 10 anos, Aleijadinho trabalhou para a igreja do Bom Jesus. Como devoto romeiro, participou de cada Jubileu, indo beijar com muita fé a imagem do Bom Jesus.” (FRANÇA, 2001, p. 27)
- “O Aleijadinho foi contratado por Vicente Freire de Andrada, em 1796, e, em 1798, para esculpir 66 imagens que deveriam compor as cenas da Paixão de Cristo” (FRANÇA, 2001, p. 28)
- “O Aleijadinho foi contratado para esculpir as estátuas dos profetas em 1800 pelo administrador da igreja, Vicente Freire de Andrada.” (FRANÇA, 2001, p. 30)

Quadro 2 – Exemplos do protótipo das sequências narrativas presentes no *Manual do Romeiro*

Além dessas duas sequências prototípicas, percebemos que a sequência prototípica explicativa possui fundamental importância na constituição do *Manual do Romeiro*. Ao analisar o texto “Como os coelhos aprenderam a saltar?”, Adam (2019, p.206-207) mostra que essa narrativa se encontra enquadrada na explicação. Por essa razão, consideramos que as perguntas feitas em COMO e em POR QUÊ na introdução de diferentes partes do *Manual do Romeiro* evidenciam o papel da explicação no referido texto do *corpus* desta pesquisa. Em síntese, defendemos que, no manual, há casos de heterogeneidade sequenciais (ADAM, 2019),

as sequências descritivas e narrativas, em última análise, têm a finalidade de responder perguntas como estas com o claro objetivo fornecer tais explicações aos turistas.

- “Como começou a história da devoção ao Bom Jesus de Matosinhos?” (FRANÇA, 2001, p. 6)
- “Como se deu início à devoção ao Bom Jesus em Congonhas” (FRANÇA, 2001, p. 10)
- “Em quanto tempo e como foi construída a Igreja do Bom Jesus?” (FRANÇA, 2001, p. 14)
- “Como começou o Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas?” (FRANÇA, 2001, p. 17)
- “Como participar do Jubileu” (FRANÇA, 2001, p. 20)
- “Por que as Romarias são chamadas de ‘Casa dos Romeiros’” (FRANÇA, 2001, p. 24)

Quadro 3 – Exemplos do protótipo das sequências explicativas presentes no *Manual do Romeiro*

2.2 A CENA DA ENUNCIÇÃO DA VISITA MEDIADA AO MUSEU DE CONGONHAS

A caracterização que acabamos de realizar em torno do *Manual do Romeiro* terá um papel fundamental na elaboração da sequência didática que propomos, pois o acesso a esse texto por parte de professores e alunos lhes proporcionará o tempo necessário para o estudo dos dois gêneros de discurso em questão.

Após a realização da nossa visita ao Museu de Congonhas, empreendemos um estudo sobre a terminologia usada pelo mediador/guia de turismo que nos atendeu: visita mediada em vez de visita guiada. Enquanto o vocábulo *guiar* está relacionado a *conduzir, liderar*, a palavra *mediar* imprime a ideia de situar-se entre dois pontos. Dessa forma, o mediador “interfere entre o objeto de conhecimento e o aprendiz, auxiliando-o no processo intra e interpessoal de criação de objetos que descrevem o mundo” (SILVANO, 2019, p. 30). Fica claro, portanto, que o guia de turismo, ou melhor, o mediador que nos atendeu, e o Museu de Congonhas como um todo, parece caracterizar a sua prática discursiva de forma mais ou menos consciente, levando em consideração que, na visita mediada, ocorre uma interação entre o turista e o objeto de forma mais ampla, que facilita o seu aprendizado.

Esses dados evidenciam uma semelhança da cena englobante da visita mediada e do *Manual do Romeiro*. No que diz respeito aos participantes da visita mediada, a atuação verbal e não verbal do mediador/guia de turismo acontece com base na interação dos discursos turístico, religioso, histórico e artístico. Nesse sentido, entende-se que o *Manual do Romeiro* pode inclusive servir de base para o mediador/guia de turismo. De qualquer forma, entende-se que o papel desse sujeito é o de indicar, acompanhar, esclarecer e aconselhar o turista, fazendo com que este possa desfrutar ao máximo da visita realizada (CANANI, 1999).

No que tange à cena genérica (MAINGUENEAU, 2015), há um contrato estabelecido entre o mediador/guia de turismo e o turista, em que o primeiro interage com o segundo, a fim de fornecer a este, por meio de uma apresentação oral de aproximadamente 30 minutos, as principais informações históricas, artísticas e religiosas relacionadas ao Museu de Congonhas e à cidade como um todo. Por se tratar de um gênero de discurso que se materializa em um texto

multimodal – oral (a apresentação feita pelo mediador), visual (gestos e roupas do mediador, imagens, igreja, esculturas, objetos sacros e artísticos etc.) e escrito (muitos objetos e imagens expostos são seguidos de um texto explicativo), o seu lugar de sucesso é o seu próprio suporte: o Museu de Congonhas e o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. Destaca-se também a composição desse gênero de discurso: inicia-se com uma apresentação do mediador e dos turistas na entrada do museu e o desenvolvimento de suas falas ocorre de acordo com os espaços que são visitados. Por fim, predominam os protótipos das sequências narrativa, descritiva e explicativa e o mediador/ guia de turismo usa a modalidade formal da língua portuguesa.

3. RETEXTUALIZAÇÃO: DO *MANUAL DO ROMEIRO* À VISITA MEDIADA

As análises que realizamos na seção precedente serviram-nos de base para elaborarmos a presente sequência didática. Os procedimentos que serão sugeridos nesta seção estão, pois, ancorados nesse estudo, que mostra aos professores em formação e em atuação o elo necessário entre pesquisa e ensino. Passemos à sequência didática propriamente dita.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – Ser mediador do Museu de Congonhas por um dia

Esta sequência didática está baseada na seleção do *Manual do Romeiro*, do professor Fabio França. Trata-se de um livrinho, disponibilizado na recepção do Museu de Congonhas durante uma visita mediada feita pelo Grupo de Pesquisa sobre o Discurso Institucional na Iniciação Científica e Tecnológica do IFMG *campus* Congonhas. Em linhas gerais, propomos que o estudo desse manual, por parte de estudantes do ensino médio, possa auxiliá-los na produção de uma visita mediada em que assumirão o papel de mediador/ guia de turismo. Ressalte-se que um ponto crucial para essa produção é a compreensão de que uma das atividades desenvolvidas por esse ator social (mediador/guia de turismo) é a de realizar pesquisas em outras fontes. Nesse sentido, o manual é tomado aqui como ponto de partida para a aquisição de conhecimentos necessários que deverão ser mobilizados ao longo da visita mediada.

OBJETIVOS:

- Compreender as características linguístico-discursivas do *Manual do Romeiro* e da visita mediada;
- Compreender a leitura e o estudo do *Manual do Romeiro* como fonte de conhecimentos históricos, religiosos e artísticos;
- Levar os estudantes do ensino médio a produzirem uma visita mediada ao Museu de Congonhas, considerando-a como um texto multimodal, com a predominância do uso formal da língua portuguesa na modalidade oral;
- Levar o aluno a refletir sobre as obras históricas e seus desdobramentos.

HABILIDADES DA BNCC CONTEMPLADAS:

(EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/ escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações.

(EM13LP03) Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paráfrases, paródias e estilizações, entre outras possibilidades.

(EM13LP04) Estabelecer relações de interdiscursividade e intertextualidade para explicitar, sustentar e conferir consistência a posicionamentos e para construir e corroborar explicações e relatos, fazendo uso de citações e paráfrases devidamente marcadas.

(EM13LP16) Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

(EM13LP32) Selecionar informações e dados necessários para uma dada pesquisa (sem excedê-los) em diferentes fontes (orais, impressas, digitais etc.) e comparar autonomamente esses conteúdos, levando em conta seus contextos de produção, referências e índices de confiabilidade, e percebendo coincidências, complementaridades, contradições, erros ou imprecisões conceituais e de dados, de forma a compreender e posicionar-se criticamente sobre esses conteúdos e estabelecer recortes precisos.

(EM13LP50) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

APRESENTAÇÃO DO MANUAL DO ROMEIRO

Nas primeiras aulas dedicadas a esta sequência didática, sugere-se que o professor indague a seus alunos se eles já conhecem o Museu de Congonhas, a Basílica do Bom Jesus e seus conjuntos e se já fizeram uma visita mediada a este ou a outro museu. Após esse primeiro contato, seria importante o docente resumir as intervenções dos alunos e relacionar essa experiência turística com a noção de gênero de discurso. A terceira parte destas aulas iniciais será dedicada à consulta do termo manual em dicionários. Na quarta parte, distribuem-se alguns exemplares do *Manual do Romeiro* para que os estudantes possam folheá-lo com o objetivo de conhecer um pouco a obra. Por fim, o professor apresenta a definição do gênero manual segundo um dicionário especializado em gêneros textuais e explica que o trabalho de pesquisadores em linguística do texto e do discurso é, por exemplo, estudar as características de textos com o referido manual. O número dessas aulas iniciais deve ser pensado por cada docente de acordo

com seus objetivos específicos, mas sugerimos o mínimo de duas horas-aulas para essa primeira fase.

ESTUDO DO *MANUAL DO ROMEIRO*

Esta etapa é de suma importância, uma vez que o discente só conseguirá fazer um trabalho que atenda adequadamente os objetivos desta sequência didática se compreender as características desse texto a fim de realizar a retextualização proposta na etapa seguinte. Desse modo, o educador deve direcionar as suas aulas para os seguintes aspectos em um tempo estimado de, no mínimo, 4 horas-aulas:

- Leitura do *Manual do Romeiro*, preferencialmente na biblioteca ou em casa;
- Aula expositiva sobre as características do manual do romeiro com base em 2.1;
- Síntese do manual do romeiro, separando partes mais narrativas, descritivas e explicativas;
- Avaliação das características do manual do romeiro e da síntese elaborada pelos discentes.

ESTUDO DA VISITA MEDIADA AO MUSEU DE CONGONHAS

Nesta penúltima etapa, propõe-se um trabalho em grupo. No cenário ideal, o docente proporá aos estudantes a formação de quatro grupos, uma vez que o *Manual do Romeiro* se divide em quatro capítulos principais: *Congonhas*; *História da devoção ao Senhor Bom Jesus*; *A construção da igreja do Bom Jesus*; *As obras externas à Basílica*. Na verdade, vimos, na seção destinada ao estudo do referido manual, que este também possui uma apresentação e duas seções finais com preces/orações. Não obstante, a proposta de formação de quatro grupos leva em consideração apenas os capítulos em que sobressaem sequências narrativas, descritivas e explicativas, pois são estas partes que serão essenciais para a retextualização do *Manual do Romeiro* em visita mediada. Nesta fase da sequência didática, pelo menos 4 horas-aulas devem contemplar os seguintes pontos:

- Aula expositiva baseada na seção 2.2;
- Divisão dos estudantes em quatro grupos, cada um deles ficando responsável por um dos quatro capítulos principais assinalados acima;
- O *Manual do Romeiro* será usado como fonte principal para a explicação das obras do museu, porém os estudantes podem/devem buscar informações adicionais em outros textos, inclusive por meio de trabalhos interdisciplinares com professores de Artes, Religião, História e Literatura;
- Apresentação dos critérios de avaliação (sugere-se levar em consideração as características do gênero abordadas em 2.2) e a data para a realização do trabalho.

É de fundamental importância que os docentes utilizem parte do tempo que possuem para o planejamento de aulas para realizar a visita mediada ao Museu de Congonhas antes de executarem esta etapa da sequência didática. Acreditamos que a seção *A cena da enunciação da visita mediada ao Museu de Congonhas* lhes proporcionará as informações necessárias para a realização deste trabalho, porém a visita mediada será uma experiência diferenciada, inclusive

para complementar as características que apontamos ou até mesmo divergir de algumas de nossas considerações, tendo em vista a sua autonomia e a sua formação crítica. De qualquer forma, reiteramos que a visita mediada por parte dos docentes será importante também para a própria avaliação do trabalho.

Além disso, os docentes precisam ter uma visão crítica sobre o *Manual do Romeiro* enquanto fonte principal para a retextualização da visita mediada. Acreditamos que as cenas englobantes pertencentes religiosa e histórica são as que mais se destacam no texto supracitado. Desse modo, por mais que se fala sobre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e sobre Manuel da Costa Ataíde, mais conhecido como Mestre Ataíde, ambos artistas da arte barroca, esse conteúdo é quase sempre abordado apenas dos pontos de vista religioso e histórico. Portanto, as singularidades do barroco, como os traços das obras e suas motivações, não são relatadas de forma muito direta e com muitos detalhes. Dessa maneira, o campo artístico merecerá uma atenção maior do professor, principalmente de uma abordagem literária.

Por fim, aconselha-se aos docentes um trabalho voltado para a comunicação. O mediador/guia de turismo expressa-se de forma clara, utiliza a gramática e o vocabulário de acordo com o contexto, descartando gírias e o tom de voz é audível para todos. Além disso, a sua postura faz parte de uma comunicação sólida. Logo, uma postura desajeitada não condiz com o modo de falar de um mediador/ guia de turismo. Também deve ser trabalhada a organização e o horário, ou seja, a visita deve ocorrer de modo linear, a fim de que o observador entenda o princípio e os desdobramentos das obras. Em relação ao horário, é preciso estabelecer antes com os alunos o tempo que cada um terá, já que o trabalho será desenvolvido por quatro grupos. Entrando na parte da vestimenta, o estudante deverá vestir-se de acordo com o local que será explorado e com a sua posição social de mediador/guia. Assim, não é cabível uma roupa social, nem roupas informais, como camisa de time, *cropped*, camiseta, bermuda e chinelo. O traje que condiz com esse ator social é, por exemplo: calça jeans, com o uniforme da instituição que ele pertence ou uma camisa lisa e um sapato fechado.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, acreditamos que a sequência didática, juntamente com a análise do *corpus*, contribui para o ensino-aprendizagem de uma língua, isto é, não somente sobre regras gramaticais, mas também de conhecimentos ligados à oralidade. Assim sendo, o estudo do *Manual do Romeiro* sob a ótica da Linguística Textual e da Análise do Discurso permitiu a criação de uma sequência didática que além de contribuir para o conhecimento linguístico-discursivo, também exalta e explora as obras históricas e seus desdobramentos presentes na cidade de Congonhas.

Referência:

ADAM, Jean-Michel. **Textos: tipos e protótipos**. São Paulo: Contexto, 2019.

ALMEIDA, Sheila Alves de; GIORDAN, Marcelo. **A revista Ciência Hoje das Crianças no letramento escolar: a retextualização de artigos de divulgação científica**. Educação e Pesquisa, v. 40, p. 999-1014, 2014.

ANDRADE, Rafael Batista. **O discurso institucional na iniciação científica e tecnológica: Museu Casa Guimarães Rosa e STJ sob a ótica de analistas de discurso juniores.** Entremeios. Pouso Alegre (MG), vol. 18, p. 63-80, jan. - jun. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol18pagina63a80>.

ANDRADE, Rafael Batista. **Discurso e identidade diplomática.** Curitiba: Appris, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CANANI, Ivone Selva Santos. **Guia de turismo: o mérito da profissão.** Revista Turismo em Análise, v. 10, n. 1, p. 92-106, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63461>. Acesso em 23 fev. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização.** São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais.** Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Retextualização de gêneros escritos.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística I: objetos teóricos.** São Paulo: Contexto, 2017.

FRANÇA, Fábio. **Manual do Romeiro do Bom Jesus de Congonhas.** Congonhas. p. 48, 2001.

FRANÇA, Fábio. **Arte e paixão: Congonhas do Alejadinho.** Belo Horizonte: C/Arte, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual.** São Paulo: Contexto, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso.** Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MANUAL. In: **Dicionário online Oxford Languages.** Disponível em < <https://bit.ly/3DmGe9k> > . Acesso em 15 de nov. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Investigando a relação oral/escrito.** Campinas: Mercado de Letras, 2001

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.

MUSEU DE CONGONHAS. Disponível em: <https://www.museudecongonhas.com.br/>. Acesso em: 23 fev. 2022.

SAMSUNG. **Manual do usuário.** Disponível em < <https://bit.ly/3HoUzEO>>. Acesso em 15 de nov. 2021.

SELLAN, Aparecida Regina Borges. Língua e cultura no ensino-aprendizagem do português Brasileiro: Visitas Guiadas. **Reflexões sobre o ensino de português para falantes de outras línguas**, p. 27, 2012.

SILVANO, Rosângela César Bastos. **O olhar através da fotografia em uma visita mediada ao museu centro cultural banco do brasil (ccbb)**. 2019.